

Editorial

Espaços alimentícios nas cidades - As múltiplas funções da agricultura urbana

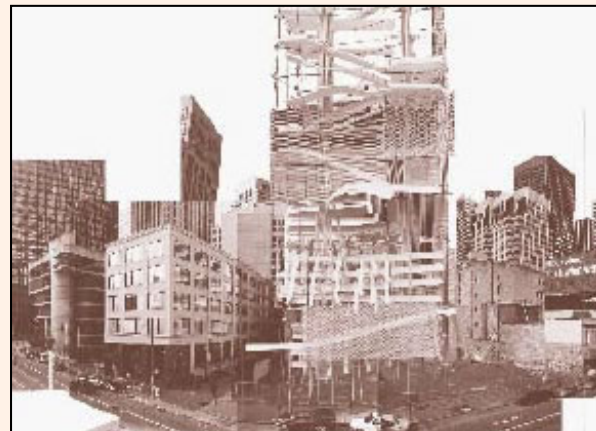
Leo van den Berg - ALTERRA

René van Veenhuizen - ETC RUAF

Foto 1: Ursula Lang- Foodspace, um novo espaço para os alimentos na cidade

Ao mesmo tempo em que se expandem e absorvem as áreas rurais à sua volta, as cidades em crescimento precisam lidar com uma grande variedade de necessidades de seus cidadãos. Hoje e cada vez mais as autoridades municipais percebem a relação entre a agricultura – dentro e ao redor das cidades – e diversas questões urbanas.

Sabe-se que os espaços verdes das cidades combinam uma importante contribuição para o abastecimento diário de alimentos frescos perecíveis com a disponibilidade de ambientes naturais vivos, que oferecem, aos moradores urbanos, várias oportunidades de lazer, esportes e contato com aspectos da vida rural.



As autoridades municipais por todo o mundo estão percebendo o papel que os agricultores urbanos e periurbanos podem desempenhar na manutenção das áreas verdes nas cidades, mantendo livres de invasores os locais menos apropriados para construções, e ajudando no manejo de parques e de paisagens periurbanas que incluem importantes recursos naturais, etc. Do mesmo modo, os agricultores mais inovadores, dentro e ao redor das cidades, estão cada vez mais conscientes das necessidades das populações urbanas e já respondem com várias iniciativas para atender as necessidades dos consumidores, oferecendo alimentos frescos, empregos, treinamento, serviços recreacionais e educativos (merenda escolar, educação ambiental) e serviços de saúde (tratamentos como equoterapia e terapias ocupacionais junto à natureza para pessoas com problemas psicológicos e físicos), e viveiros que produzem plantas ornamentais e mudas para hortas domésticas, ruas e parques.

No passado, as múltiplas funções da agricultura urbana e periurbana eram desconsideradas diante da ênfase colocada na “especialização”. Os agricultores eram encorajados a desenvolver suas terras como agroindústrias, enquanto que parques eram criados, com recursos públicos, para atender a necessidade das pessoas de terem contato com áreas mais naturais, em busca de ar puro e recreação. Essas funções estavam bem separadas. Mas não seria mais econômico e ecologicamente correto combinar elas duas?

PRESSÃO URBANA

Todo espaço aberto urbano, seja ele agrícola ou um bosque, natural ou recreacional, está sempre sendo pressionado por outros potenciais interessados em “desenvolvê-lo”. O artigo sobre Lagos revela o impacto negativo dessa pressão sobre a segurança alimentar das famílias urbanas de baixa renda.

Sempre haverá pessoas que consideram essas “áreas vazias” como um desperdício de espaço urbano valioso e como uma oportunidade de fazer dinheiro construindo nelas apartamentos, conjuntos de escritórios, lojas, indústrias ou outros empreendimentos. Para resistir com sucesso a essas pressões sobre as áreas verdes urbanas, convém organizá-las de modo a cumprirem várias funções, e assim contar com mais de uma categoria de defensores seriamente comprometidos.

Na realidade, os artigos de Lang e de Viljoen e outros mostram que, mesmo considerando-se os altos preços das terras, podem-se calcular os custos e benefícios de tal modo que a agricultura se torna economicamente viável e capaz de reduzir os gastos públicos com transporte.

Entre os vários tipos de uso do espaço verde urbano, as áreas agrícolas tendem a ser uma opção relativamente pouco atraente. Na maior parte dos casos, a agricultura nem faz parte dos planos de desenvolvimento urbano. Além disso, em sua estratégia de sobrevivência e buscando mais eficiência na produção, os agricultores geralmente não prestam atenção para a aparência e a acessibilidade de suas áreas de cultivo, considerando-se os moradores seus vizinhos.

Pode-se imaginar que, com relação aos parques, campos de esporte e cemitérios, a situação é um pouco melhor. Os agricultores costumam construir pequenos barracos para guardar suas ferramentas e insumos, ou para os seus animais, que não costumam ser apreciados pelos demais moradores urbanos. Ou eles constroem cercas onde esses moradores prefeririam passear livremente enquanto desfrutam do espaço verde e do ar puro. Como é bem argumentado no artigo de Van den Berg e outros, se os agricultores urbanos e periurbanos quiserem ter alguma chance para resistir aos incorporadores imobiliários, eles precisarão ter ao seu lado pelo menos os moradores seus vizinhos.

CUIDANDO DAS EXTERNALIDADES DA AGRICULTURA URBANA

O dilema dos agricultores urbanos – se devem preocupar-se mais com a sua produção ou em cuidar dos efeitos colaterais provocados por suas atividades – é bem discutido no artigo de Fleury e outros, logo a seguir deste editorial: os agricultores deveriam estar atentos das “externalidades” de seu trabalho e “internalizá-las” na exploração de sua área de terra. As externalidades positivas podem fornecer rendas adicionais, enquanto que as negativas envolvem custos (por exemplo, remover um resíduo que tem impacto negativo no ambiente). Para eles, a “multifuncionalidade” da agricultura envolve “dinamizar as externalidades positivas graças à valorização de seu significado”. Na realidade, muitas vezes vêm-se essas externalidades positivas serem apropriadas por outras pessoas não produtoras, especialmente por quem mora em frente às áreas agrícolas, enquanto que os produtores são acusados por qualquer externalidade negativa que seu trabalho provoque.

Vários exemplos (Dacar, Ottawa, Cidade do México, e na Holanda, citados nesta edição) mostram que as várias partes interessadas podem trabalhar no sentido de um compartilhamento mais justo de todos os custos e benefícios da agricultura urbana e periurbana.

CONTROLE DE ENCHENTES

Os incorporadores urbanos estão sempre tentados a construir em áreas inundáveis perto dos rios locais. Muitas vezes eles tentam evitar as enchentes com sistemas de drenagem que muitas vezes apenas transferem (“externalizam”) as inundações para áreas mais baixas. Mas na maioria das vezes, as próprias cidades precisam enfrentar o problema da falta de espaços onde as águas das chuvas possam infiltrar no solo ou serem estocadas temporariamente. Os parques e bosques urbanos poderiam ajudar, mas muitas árvores não suportam crescer em áreas alagáveis. Os agricultores mais experientes, por outro lado, sabem o que plantar para se beneficiarem das enchentes sazonais, e não sofrerem por causa delas. Essa função das áreas agrícolas urbanas é mencionada nos artigos sobre Hanói (Vietnam) e também Setif (Argélia), onde práticas adotadas em muitos “wadis” (leitões secos de rios temporários) podem ser facilmente implementadas como um sistema sustentável de horticultura comercial com possibilidade de ser combinado com a criação de animais.

HERANÇA CULTURAL

Quando as cidades crescem, elas absorvem vilas e aldeias que tinham os seus marcos arquitetônicos locais, incluindo as casas, templos etc. Há muitas vantagens, como demonstram os artigos sobre o Benin e o Vietnam, em se manterem algumas características dessas comunidades para as gerações futuras. A história já provou que os prédios históricos tendem a se tornar muito populares e turisticamente atraentes, mas é preciso manter áreas livres ao redor deles para que possam ser melhor apreciados.

MÚLTIPLAS FUNÇÕES E PARCERIAS

Os agricultores urbanos dependem dos proprietários (particulares ou institucionais) das terras onde trabalham. Manter as áreas baldias ocupadas com plantios, impedindo assim as ocupações irregulares, ajudaria a manter valorizados os imóveis próximos a elas e economizaria os custos com a manutenção de parques públicos em locais não edificáveis, incluindo as zonas mais sujeitas a inundações.

Portanto, seria do interesse dos proprietários de áreas urbanas deixar os agricultores produzindo nelas, e até ajudando-os a tornarem os terrenos não só produtivos mas também agradáveis locais de lazer para os moradores das vizinhanças. Ou então uma parceria pode ser criada unindo-se os governos locais e os agricultores para a criação de parques agro-recreacionais. A viabilidade de tais parcerias é demonstrada nos artigos sobre Dacar (Fleury e outros), sobre Hanói e Nanjing, e sobre Beijing. A Rede de Agricultura Urbana – Norte de Gana (URBANET-N/G) cresceu de um instituto de defesa de direitos até tornar-se uma coalizão formal de associações de produtores urbanos, ONGs e agências governamentais, incluindo instituições de pesquisa e treinamento, em Tamala, Gana. O artigo de Floquet sobre o Benin mostra que os agricultores, incluindo os criadores de gado, podem ser encarregados da manutenção de espaços verdes urbanos ao longo de estradas e nos terrenos dos palácios reais, e que muito dinheiro pode ser

poupado nesse processo. Mas eles também nos lembram que os interesses que desejam construir prédios nas áreas agrícolas urbanas – ou asfaltá-las – continuam agindo com força e prestígio.

Além desses administradores das áreas municipais (com os planejadores urbanos em sua retaguarda!), há – acima de tudo – consumidores com quem se deve estabelecer alianças. Os produtos da agricultura urbana podem ter má reputação por poderem estar contaminados pela poluição urbana, incluindo o eventual acúmulo de metais pesados nos plantios perto de estradas e vias, pelo lixo usado na adubação, e pelas águas servidas (domésticas mas cada vez mais misturadas com as industriais) despejadas sem tratamento nos cursos d'água locais e usadas para irrigação.

Por essa razão, os consumidores gostam de saber de onde vêm as hortaliças que compram. Canais mais diretos entre os produtores urbanos e os consumidores residentes nas mesmas cidades são um mecanismo que promove não apenas o controle de qualidade e o uso seguro dos insumos agrícolas, mas também a solidariedade e a compreensão mútua. Isso fica claro na experiência em Bucareste, onde, no processo de desenvolvimento, a atenção mudou da “segurança alimentar” para o “alimento seguro”, acompanhando o aumento da demanda por alimentos orgânicos.

A absorção segura do lixo urbano (orgânico) é outra função importante da agricultura dentro ou perto das cidades. Porém essa função não pode ser realizada satisfatoriamente pelos produtores sozinhos.

Eles precisam do apoio dos coletores e dos processadores do lixo urbano orgânico. Ali e outros informam que a cidade de Hanói produz bem menos lixo orgânico do que seus os horticultores urbanos precisariam; mesmo assim, apenas uma mínima parte desse lixo chega aos agricultores, e usualmente sem qualquer garantia quanto à sua segurança. Na verdade, quando observamos melhor esse ciclo pelo qual passa o lixo orgânico urbano, torna-se claro que a produção de animais em pequena escala está muito difundida em Hanói, e é responsável por uma parte significativa dos resíduos orgânicos produzidos na cidade. Esses resíduos são levados diretamente para os tanques de criação de peixes, no que pode ser considerado um bom exemplo bem sucedido de “aquicultura urbana”, ao combinar a produção de proteínas com a reciclagem de resíduos e a manutenção de espaços abertos na cidade (ver também a Revista de Agricultura Urbana no. 14).

A AÇÃO SOCIAL POR UM ESPAÇO URBANO PRODUTIVO

O artigo de Smith e outros demonstra como, em Durban, o programa da prefeitura que dá um uso produtivo aos terrenos municipais baldios foi muito bem articulado com o desenvolvimento das comunidades ao encorajá-las a participarem de projetos de horticultura apoiados pelo governo.

Essa iniciativa lembra os bem-sucedidos programas de horticultura comunitária que foram realizados em muitos países da Europa nas décadas de 20 e 30 do século passado. Naquela época, muitas hortas foram instaladas nas periferias urbanas; muitas delas ainda estão lá, e se tornaram espaços verdes valiosos localizados hoje bem dentro dos limites urbanos. De certo modo, essa horticultura urbana tem sido apenas um modo de produzir uma parte dos alimentos consumidos pelas famílias, mas pode ganhar uma dimensão profissional e/ou de lazer e contato com a natureza (ver o artigo de Pouw e Wilbers sobre a Holanda).

O que tem funcionado com as terras públicas baldias também pode funcionar com os terrenos particulares vagos, como é mostrado no artigo de Holmer e Drescher sobre Cagayan de Oro, nas Filipinas. Uma pesquisa de dois anos após a instalação de lotes para a horticultura provou que essas hortas são muito eficientes em termos de segurança alimentar e melhoria na dieta dos pobres urbanos, mas também no fortalecimento dos valores comunitários e até na reciclagem do lixo orgânico urbano.

O elemento de ação social pode ser muito importante, como fica claro em vários artigos. Ele dá aos moradores de baixa-renda uma chance para legalizar e desenvolver melhor algumas práticas agrícolas nas quais já estão envolvidos há muito tempo. Ou lhes dá oportunidade para participarem de hortas demonstrativas. De acordo com Casale, as hortas demonstrativas implantadas em setores de Buenos Aires “estão tornando-se símbolos de vitalidade e crescimento em bairros tradicionalmente estigmatizados pela pobreza e pelo crime”.

A “agricultura com apoio comunitário” é outro caminho para combinar segurança alimentar e/ou geração de renda para todos os tipos de moradores urbanos. O artigo sobre o Havaí dá um exemplo interessante de um empreendimento desse tipo, implantado para ajudar jovens em situação de “alto risco”, que passaram 10 meses aprendendo práticas de liderança e de gerenciamento de negócios.

Focalizando principalmente em Londres (e o Reino Unido em geral), Viljoen e Bohn sugerem que, combinando-se o planejamento do desenvolvimento urbano com o projeto adequado de uma “malha verde produtiva”, dezenas de

milhares de pessoas poderiam ser abastecidas com os alimentos produzidos localmente e, ao mesmo tempo, viver em uma paisagem melhorada. Os artigos sobre Colombo (Sri Lanka) e Rosário (Argentina) descrevem experiências em projetos urbanos participativos. Em Colombo, isso está ocorrendo com o nome significativo de “A agricultura urbana como um método para melhorar as cidades”. As pessoas de Colombo estão usando todos os espaços disponíveis para a produção agrícola. Toda essa experiência foi considerada para se incorporar a agricultura urbana no projeto de melhoramento de uma grande favela da cidade.

Os moradores foram apoiados para prosseguirem plantando e melhorarem suas práticas agrícolas, usando terras impróprias para edificação por estarem sob linhas de transmissão elétrica ou muito perto de canais alagáveis.

RESUMINDO

A agricultura dentro das cidades tem várias funções. Uma função importante é a produção e a oferta de alimentos, mas a sustentabilidade da agricultura urbana está relacionada com sua multifuncionalidade. Isso significa que a agricultura urbana deveria adaptar-se e desenvolver-se de acordo com as necessidades e desejos dos envolvidos e interessados nessas várias funções. Sendo assim, novas formas de administração, de políticas e de instituições são necessárias, a serem construídas buscando-se sinergias e envolvendo os diversos interessados no processo.

[Sumario Revista No.15](#)